

uma comunidade onde encontra corações abertos, almas generosas e benevolentes, espíritos nobres e delicados, viverá feliz e sereno. Ele poderá constatar que, de fato, «nada neste mundo representa tão bem a admirável assembleia da Jerusalém celeste quanto uma sociedade religiosa perfeitamente unida na benevolência. Nosso Senhor está no meio deles; o lugar que habitam é “a porta do céu” [cf. Gn 28,17]» (São Paulo, 1953, p. 3).

5. Da palavra à vida

Parte integrante do processo de metamorfose ao qual todos somos convocados é transformar nossas comunidades, para que se tornem cada vez mais lugares de encontro e ambientes propícios ao crescimento pessoal e comunitário. Essa metamorfose — assim como em todas as outras dimensões da nossa vida — não acontecerá por decreto ou pela publicação de algum documento programático. Embora a congregação possa tomar iniciativas nesse sentido, a execução dependerá sempre do compromisso de cada confrade.

- A comunidade em que vivemos é um ambiente caloroso de afeto e acolhimento ou apenas um grupo de pessoas isoladas e fechadas em seus próprios mundos?
- O que faço para tornar a vida da comunidade mais agradável e para que os outros se sintam acolhidos e amados?
- Na nossa comunidade, cada um se sente livre para dizer o que pensa, sem medo de ser condenado por aqueles que pensam de forma diferente?

6. Oração

Santa Maria, Mãe de Deus, tu deste ao mundo a verdadeira luz, Jesus, teu Filho – Filho de Deus.

Tu te entregaste completamente ao chamado de Deus e assim te tornaste fonte da bondade que brota d'Ele.

Mostra-nos Jesus. Guia-nos até Ele. Ensina-nos a conhecê-lo e a amá-lo, para que também nós possamos ser capazes de verdadeiro amor e ser fontes de água viva no meio de um mundo sedento (Bento XVI).



Novembro 2024

AS NOSSAS COMUNIDADES COMO LUGAR DE ENCONTRO

As relações são um elemento de fundamental importância na vida e no desenvolvimento de qualquer pessoa. A vida humana, privada de relacionamentos saudáveis e profundos, torna-se algo insuportável. O mesmo ocorre também no âmbito comunitário e social. Por isso, todos nós devemos nos esforçar para estabelecer a chamada “cultura do encontro”, à qual o Papa Francisco constantemente faz referência. Seria muito triste uma comunidade paulina que não fosse caracterizada pela alegria de compartilhar a vida e pela sincera abertura à diversidade, que sempre nos enriquece. Não podemos nos conformar e deixar que o individualismo e o narcisismo nos afastem do projeto de vida que assumimos com a profissão religiosa.

1. Da Carta do Superior Geral

«Também a comunidade paulina hoje deve ser pensada como "aberta", lugar de encontro. Entre nós, primeiramente, mas também com aqueles que participam da nossa missão – incluindo leigos – e com aqueles que encontramos providencialmente em nosso caminho, porque é dessa rede de relações que o nosso apostolado necessita. Em um tempo no qual as relações estão em crise, há necessidade de lugares disponíveis para cuidar delas. Pertence à "cultura do encontro" criar ocasiões para conhecer-se e planejar juntos. Há necessidade de comunidades que mostram como se vive como apóstolos, como Paulo com seus colaboradores, que não apenas falam sobre comunicação, mas fazem da comunicação o seu estilo de vida. Comunidades, portanto, que retiram da sua bolsa – como o garoto do Evangelho – o alimento necessário para alimentar, alimento que é também a herança carismática do nosso Fundador: a universalidade, a pastoralidade, a paixão profética por

Deus e pela humanidade. Compartilhar, fracionar, relacionar...» (*Lettera annuale 2023-2024, 5.3 Le nostre comunità come luogo di incontro*).

2. O encontro com a Palavra de Deus

Todos nós precisamos ser acolhidos e desejamos que os outros ouçam o que queremos expressar. Conscientes dessa necessidade, devemos acolher o outro e escutar com atenção e paciência o que ele deseja manifestar. Na narrativa evangélica, há um lugar que ilustra perfeitamente como até mesmo Jesus desfrutava de momentos de encontro e comunhão profunda: a casa de Marta, Maria e Lázaro. No relato de Lucas, vemos Jesus falando, Maria escutando, Marta expressando sua insatisfação, e Jesus tentando conduzi-la ao pleno entendimento do que Ele considera ser “a melhor parte”. Nossas comunidades deveriam se assemelhar à casa de Betânia: deveriam estar sempre abertas para acolher quem chega e ser locais de diálogo e de crescimento pessoal e institucional.

«³⁸Enquanto caminhavam, Jesus entrou num povoado, e certa mulher, de nome Marta, o recebeu em sua casa. ³⁹Sua irmã, chamada Maria, sentou-se aos pés do Senhor e ficou escutando a sua palavra. ⁴⁰Marta estava ocupada com muitos afazeres. Aproximou-se e falou: “Senhor, não te importas que minha irmã me deixe sozinha com todo o serviço? Manda que ela venha ajudar-me!” ⁴¹O Senhor, porém, respondeu: “Marta, Marta! Você se preocupa e anda agitada com muitas coisas; ⁴²porém, uma só coisa é necessária. Maria escolheu a melhor parte, e esta não lhe será tirada”» (Lc 10,28-32).

3. O ensinamento da Igreja

Não existe uma comunidade pronta ou perfeita. A comunidade é dinâmica, ou seja, é construída com a contribuição de cada pessoa e com as relações estabelecidas entre elas. Podemos dizer que a fraternidade vivida na vida comunitária é um dom e, ao mesmo tempo, fruto do nosso esforço. A vida fraterna é, acima de tudo, um caminho de libertação. Precisamos nos libertar de muitas coisas se quisermos acolher o outro e compartilhar nossa vida de maneira profunda e autêntica. Muitas vezes, não somos felizes porque nos falta a capacidade de abrir espaço para o outro. É cada vez mais necessário entender a nossa vida como um dom e abandonar todo desejo que nos afasta do verdadeiro espírito da vida cristã e religiosa.

«Cristo dá à pessoa duas fundamentais certezas: a de ser infinitamente amada e de poder amar sem limites. Nada como a cruz de Cristo pode dar, de modo pleno e definitivo, essas certezas e a liberdade que delas deriva. Graças a elas, a pessoa consagrada se liberta progressivamente da necessidade de colocar-se no centro de tudo e de possuir o outro e do medo de doar-se aos irmãos; aprende, ao contrário, a amar como Cristo a amou, com aquele amor que agora é derramado em seu coração e a faz capaz de esquecer-se e de doar-se como fez seu Senhor. [...] A comunhão é um dom oferecido que exige também uma resposta, um paciente tirocínio e um combate para superar o espontaneísmo e a instabilidade dos desejos. O altíssimo ideal comunitário comporta necessariamente a conversão de qualquer atitude que causasse obstáculo à comunhão. A comunidade sem mística não tem alma, mas sem ascese não tem corpo. Exige-se «sinergia» (cooperação) entre o dom de Deus e o esforço pessoal para construir uma comunhão encarnada, isto é, para dar carne e consistência à graça e ao dom da comunhão fraterna» (*“Congregavit vos Christi amor”. A vida fraterna em comunidade, n. 22-23*).

4. Pensamento do Fundador

Não é possível ser feliz onde cada um vive fechado em seu próprio mundo e busca realizar apenas seus próprios desejos. Assim como em uma família, precisamos nos abrir ao outro e vê-lo como parte intrínseca de nós mesmos. No ambiente familiar, não enxergamos o outro como estranho, mesmo sendo todos diferentes. Nossas comunidades serão lugares de encontro quando entendermos que o que nos une é infinitamente mais importante do que aquilo que nos distingue. Devemos nos esforçar para tornar a vida de nossos irmãos mais simples, serena e feliz. Tudo isso nunca será possível se não estivermos abertos ao encontro com o diferente, que nos enriquece enquanto nos desafia a pensar e agir de maneira diversa.

«Além disso, o homem, por sua natureza sociável, só se sente bem onde lhe é fácil formar um ambiente em que esse seu instinto possa ser satisfeito. Quando ele deixa o lar familiar, aquecido pelo afeto puro, em qualquer ambiente em que se encontre, sente uma necessidade premente de criar um círculo de amigos que o compreenda, o encoraje e que sejam um apoio seguro nas inevitáveis tempestades da vida. Nem mesmo os maiores santos conseguem escapar dessa inocente fraqueza humana. Suas correspondências íntimas são uma prova clara disso. Por isso, o religioso que passa seus dias em